

# Waiãpi e jamandi à espera da terra só sua

Memélia Moreira



Um antropólogo Dominique Gallois propõe a criação de uma reserva para eles.



A Funai recebeu esta semana duas propostas para criação de reservas: a primeira para os índios waiãpi, no território do Amapá, apresentada pela antropóloga Dominique Gallois, da USP, e a outra para os índios jamamadi, no Estado do Amazonas, município de Lábrea. Esta última foi levada à Funai pelo Conselho Indigenista Missionário. De acordo com a antropóloga Dominique Gallois, o superintendente da Funai mostrou-se receptivo afirmando-se incluído a tentar uma mudança no traçado original da Perimetral Norte, que corta em toda sua extensão o território efetivamente ocupado pelos waiãpi.

No momento, os índios waiãpi não contam com nenhuma área garantida e foram várias vezes expulsos do território que ocupam desde tempos imemoriais nas bacias dos rios Jari e Oiapoque. As expulsões foram feitas por garimpeiros que procuram ouro naquela área. Além disso, com a construção do braço Leste da Perimetral Norte, os waiãpi foram atingidos por diversas doenças. Com o reinício da construção desta estrada, os antropólogos chamam atenção para o fato de que a estrada «facilita invasões agravando os problemas de saúde das comunidades indígenas, abertas e contatos indiscriminados».

### LOCALIZAÇÃO

Os waiãpi, que no Brasil chegam a 210 indivíduos, ocupam o Oiapoque com os afluentes das duas margens, além disso, os rios Cuc, Nipuku, Aimã e Karapanaty. Em Karapanaty, os índios contavam com um elevado número de aldeias, abandonadas em 1975, depois de alguns atritos com os garimpeiros. Segundo a proposta da antropóloga Dominique Gallois, «os índios vão reativar a área dentro de pouco tempo». Esta mobilidade, diz ela, «assegura-lhes independência econômica e política, permitindo a perpetuação da organização e dos valores tradicionais».

Além da área ocupada em território brasileiro, no Amapá, os waiãpi se estendem ainda pela Guiana Francesa. Qualquer ameaça contra a sobrevivência do grupo obriga-o a constantes migrações para o território francês. Mesmo com estas migrações, eles não abandonam as terras que imemorialmente lhes pertencem e que permanecem ocupadas e aproveitadas em toda sua extensão até hoje».

Baseando-se nestes fatos, a antropóloga sugeriu uma reserva que engloba as áreas ocupadas e as de perambulação. A área sugerida cobre uma superfície de sete mil 600 quilômetros quadrados, pois no momento a Funai só lhes garante um mil 600 quilômetros quadrados, desde a interdição feita em 1974.

### CONTATOS

Os primeiros contatos deste grupo com a Funai se deram em 1973, embora já se tenha conhecimento deles por documentos históricos datados de 1730. O contato preparado pela Funai deve-se à construção da Perimetral Norte, que estava chegando às terras ocupadas por eles. Na época foi enviada uma frente de atração para o rio Amapari, com o apoio logístico da BR-210 (Perimetral Norte). O contato foi feito pelo sertanista Fiorello Parisi. Na ocasião eles foram estimados em 200, com aldeamentos se estendendo nas duas margens da estrada, que estava em fase inicial de construção.

Antes deste contato, entretanto, os waiãpi já se entendiam com os brancos através da FAB e com a Comissão de Pesquisas de Recursos Minerais CPRM. Estes contatos são de 1970 e a comunidade indígena desta área, no rio Cuc, afluente do rio Jari, era composta por 40 índios que se concentraram perto do campo de pouso da FAB, onde mais tarde atuou o Summer Institute of Linguistics. Nesta mesma área a Funai instalou um posto em 1978.

Mesmo antes de qualquer contato oficial, os waiãpi conheciam gadeiros (caçadores de peles) e garimpeiros, que se instalavam nas proximidades das aldeias. As tensões entre índios, garimpeiros ou gadeiros começaram a acontecer em 1971, provocando a morte de 20 pessoas.

Segundo a antropóloga Gallois, «estes contatos indiscriminados explicam a péssima situação de saúde em que se encontravam os waiãpi quando foram encontrados pela frente de atração da Funai. Em 1972, grassava uma epidemia de sarampo, e logo depois repetidos surtos de gripes. Os waiãpi continuam sendo sensíveis às doenças pulmonares, transmitidas pelos contatos com invasores». A antropóloga viveu algum tempo com os waiãpi e volta seguidamente à área.

### AMEAÇAS

Além dos problemas internos da área indígena, os waiãpi encon-

tram-se ameaçados por uma série de problemas, entre eles, a Perimetral Norte, cujos trabalhos de construção foram provisoriamente paralisados em fins de 1976.

A preocupação maior com a estrada decorre do seu traçado, que corta, em toda sua extensão, o território indígena. Para Dominique Gallois, «a construção de estradas na Amazônia tem implicado na fixação de povoadamentos e colonização que levam à dizimação das populações indígenas. Nestas circunstâncias, a demarcação das terras dos waiãpi apresenta-se como solução mínima de proteção. Além disso, é necessária uma política de fiscalização eficiente a ser implantada na área que será inevitavelmente cortada pela estrada, em todos os pontos estratégicos para os indígenas».

Esta fiscalização será possível depois do convênio entre Funai, IBGE, Sema e IBDF, que vão se utilizar de satélites para a fiscalização de invasões em áreas indígenas e reservas florestais. O convênio deverá ser assinado nos próximos dias.

Além da estrada, os waiãpi estão ameaçados também pelos contratos de risco da exploração de madeira na Amazônia, pois em projeto elaborado pelo Radam em 1974 foi proposta a criação de uma Floresta Nacional do Amapá para exploração sistemática do potencial madeireiro. Esta iniciativa se enquadra no programa do governo federal de desenvolvimento do Amapá, integrando-se a outros programas como a ferrovia que liga Serra do Navio ao porto de Santana, as usinas Coaracy Nunes e Paredão. Para a exploração de madeira, uma das 12 áreas escolhidas é justamente a área proposta pelo Radam, cobrindo uma extensão de 1.568 mil hectares. A parte sudoeste desta floresta de rendimento cobre uma boa parte das terras efetivamente ocupadas pelos waiãpi, informa a antropóloga.

### COLONIZAÇÃO

Outros projetos governamentais ameaçam a sobrevivência destes índios, entre eles, os projetos de colonização do INCRA, exploração de minérios, hidrelétricas, projetos agropecuários. Estes projetos estão apenas aguardando decisões. Há também o projeto de exploração de prata no rio Ita, fronteira norte da área indígena, hidrelétrica do rio Araguari e barragens do rio Jari.

Os projetos de colonização já estão se concretizando, pois o INCRA abriu concorrência, em 1978, para três áreas situadas na fronteira leste do território waiãpi. Segundo a proposta apresentada à Funai, «estes projetos agropecuários, devido a sua provável extensão, nas proximidades dos aldeamentos indígenas, tornam imprescindível a demarcação da reserva, para impedir invasões e problemas de contatos entre índios e colonos». O mais recente atrito havido entre índios e brancos ocorreu na primeira semana de junho quando os araras flecharam colonos de um projeto do INCRA situado na fronteira da área interdiçada para os araras.

Tudo o programa para desenvolvimento do território do Amapá ameaça os índios nos limites norte, sul e leste, formando um verdadeiro cinturão que, diz Dominique Gallois, «tende a pressionar e avançar sobre a área indígena, colocando em risco a própria sobrevivência desta sociedade tribal». A antropóloga observa ainda que «qualquer atraso na decisão de demarcar as terras indígenas resultará em agravamento da situação, pois os invasores se tornam cada vez mais difíceis de serem desalojados».

### PROBLEMAS

A partir de 1973 os waiãpi começaram a apresentar vários problemas, consequência «da absoluta falta de segurança na área, afetando esta sociedade indígena na sua sobrevivência socioeconômica». Estes problemas decorrem principalmente das invasões, por parte dos garimpeiros e que obrigaram os índios a abandonar muitas de suas terras.

Os atritos armados não cessaram mesmo com a presença da Funai na área, pois de acordo com Dominique Gallois, «a Funai concentrou sua fiscalização numa parte restrita do território tribal, deixando desprotegidas as comunidades mais distantes da estrada e das sedes dos postos indígenas». Estes atritos culminaram com a troca de tiros entre garimpeiros, o sertanista Fiorello Parisi e um funcionário do posto, que foram gravemente baleados. O acontecimento foi em 1978 e a única atitude da Funai, em certos casos com apoio da Polícia Federal, se limitou a concentrar os índios nas proximidades do posto, com a finalidade de evitar mais conflitos. Com esta providência, a Funai retira qualquer possibilidade de controle e de garantia do território indígena, facilitando ainda mais as invasões dos garimpeiros.

Não bastassem os constantes atritos entre garimpeiros e índios, a sede do posto indígena Amapari já foi deslocada repetidas vezes. A escolha dos locais, informa a antropóloga, «nunca obedece a requisitos favoráveis aos índios, não correspondendo nenhuma delas à ocupação tradicional dos waiãpi, nem à localização adequada para as atividades da comunidade, pelo contrário, os índios foram sucessivamente atraídos, com relativo sucesso, para estes locais escolhidos pela Funai».

Esta técnica de atrair índios junto a determinados postos vem sendo bastante utilizada pela Coordenação da Amazônia. O mais grave prejuízo é a diminuição da área no momento em que ela for demarcada. A mesma tática foi usada junto aos índios yanomami de Roraima, às margens do rio Catrimani. A Coama, dirigida pelo general Demócrito de Oliveira, distribuiu alimentos e roupas para os índios atraindo-os para deter-

minada área previamente escolhida pela Funai.

No caso dos waiãpi que habitam entre os rios Oiapoque e Jari, eles foram atraídos para outras regiões, próximo ao lugar de Onca, afluente do rio Felício. Esta última área não oferece os mesmos recursos do habitat natural dos índios. Mesmo com esta desvantagem, no deslocamento da sede do posto, as terras escolhidas são distantes das trilhas normalmente escolhidas pelos índios.

### ATENDIMENTO

Com uma sede distante, há insuficiência no atendimento das aldeias, pois a cada vez que os índios necessitam do posto são obrigados a usarem a Perimetral Norte, o que pelas experiências anteriores, «é totalmente indesejável».

Para solucionar o problema, a antropóloga Dominique Gallois sugeriu à Funai que se criasse um subposto que já havia sido previsto pelo antropólogo Campbell, em 1976. O subposto, segundo os antropólogos se localizaria no médio Nipuku, onde o acesso pode ser feito tanto pela estrada — no caso, para os funcionários da Funai — como pelas trilhas feitas pelos índios. Esta região também é acessível pelo rio, pois a concentração dos índios em outra área vem acarretando uma superpopulação dos waiãpi, próximos ao posto, provocando um desequilíbrio econômico para o grupo tribal.

Os grupos que foram atraídos para as proximidades do posto, concentrados no rio Nitiko pretendem retornar ao rio Karapanaty, reativando as aldeias de Wiririry, Makakwa e Karamunu. Segundo a antropóloga, «a Funai deveria proporcionar total apoio a estes retornos que correspondem a iniciativas dos próprios índios e portanto traduzem necessidades fundamentais. Além disso, tais retornos facilitariam a garantia da posse da terra».

Um outro grupo dos waiãpi migrou para Guiana Francesa, desativando uma área do rio Cuc. Esta migração foi comandada pelo capitão da aldeia, Pina, mas no caso da área ser demarcada, os índios estariam dispostos a voltar, pois para eles, a melhor alternativa é sempre viver no território ancestral. Com o retorno deste grupo, voltam também as relações inter e intratribais. Estas relações foram interrompidas — entre as comunidades do Cuc e Amapari — «devido à atuação da Funai e do Summer», informa Dominique Gallois.

### RESERVA

Diante de todos os problemas internos vividos pelos índios e das ameaças decorrentes, a proposta de reserva dos waiãpi obedece a alguns critérios, considerados como fundamentais pela antropóloga. Os critérios são: 1) respeitando-se os direitos históricos dos índios sobre suas terras, incluir as aldeias tradicionais e atuais, os sítios de caráter mítico e religioso, as zonas importantes para contatos intercomunitários e intertribais, e os centros de caça, pesca e coleta; 2) entre as áreas de perambulação indígena, incluir áreas de perambulação e trilhas exploradas pelos índios, permitindo uso alternado dos recursos naturais, para suas atividades econômicas, rituais e políticas. Estas áreas, conforme o tipo da organização política dos waiãpi, são áreas contínuas e suficientemente extensas para que possa manter a integridade socioeconômica; 3) aumento demográfico deste grupo indígena, que, segundo o sertanista Fiorello

Parisi, responsável pelo posto indígena Amapari, atingiu a ordem de quatro por cento em 1978, em relação à época do contato em 1973; 4) faixas de proteção entre as zonas de ocupação indígena e as áreas que serão devastadas, quer pela estrada ou pela exploração de madeira.

Toda a área sugerida cobre uma superfície de sete mil 600 quilômetros quadrados e «constitui-se como a extensão mínima que permita garantir a esta sociedade a sobrevivência socioeconômica».

A proposta está argumentada no Estatuto do Índio, que em seu artigo 23 reconhece que além da ocupação efetiva da terra se estabelece uma garantia para as atividades socioeconômicas específicas dos grupos tribais.

A reserva waiãpi, bem como a concretização do Parque Indígena do Tumucumaque, cuja criação encontra-se apenas no papel e a criação do Parque Indígena Yanomami são, segundo antropólogos, sertanistas, indigenistas e missionários, «a única maneira de se curar as feridas causadas pela construção da Perimetral Norte». Com isso, as propostas para o atendimento destas áreas já começam a ser enviadas à Funai.

Além da proposta de criação da reserva waiãpi, a Funai recebeu também a proposta para a criação de uma reserva para os índios jamamadi. A proposta foi enviada pelo Conselho Indigenista Missionário e para a surpresa dos missionários, este grupo não estava catalogado pela Funai.

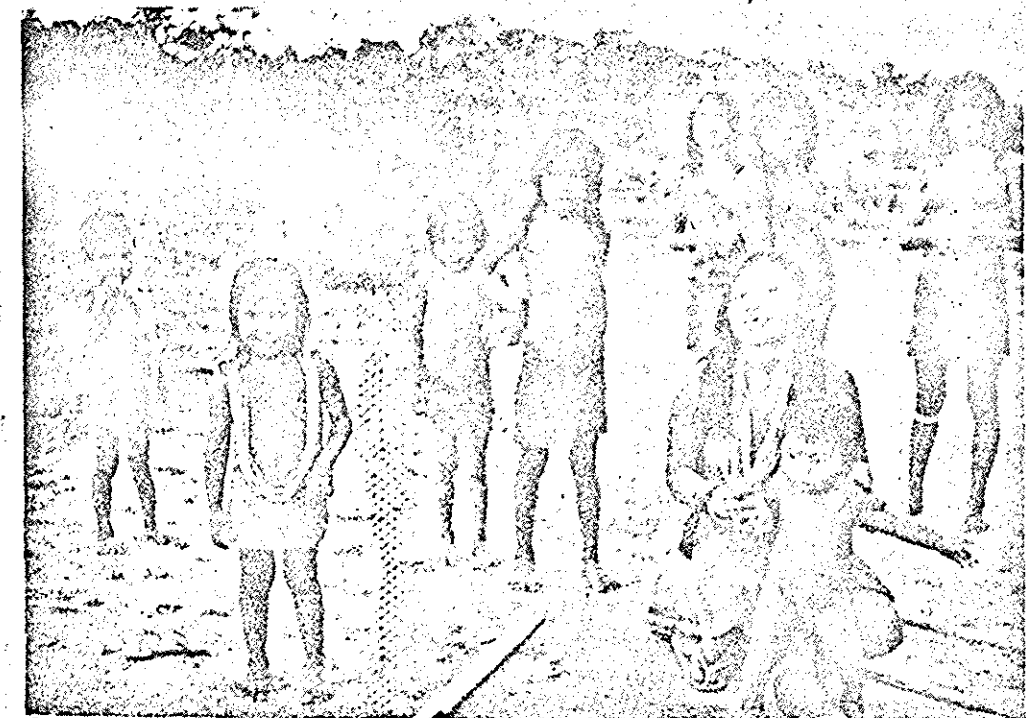
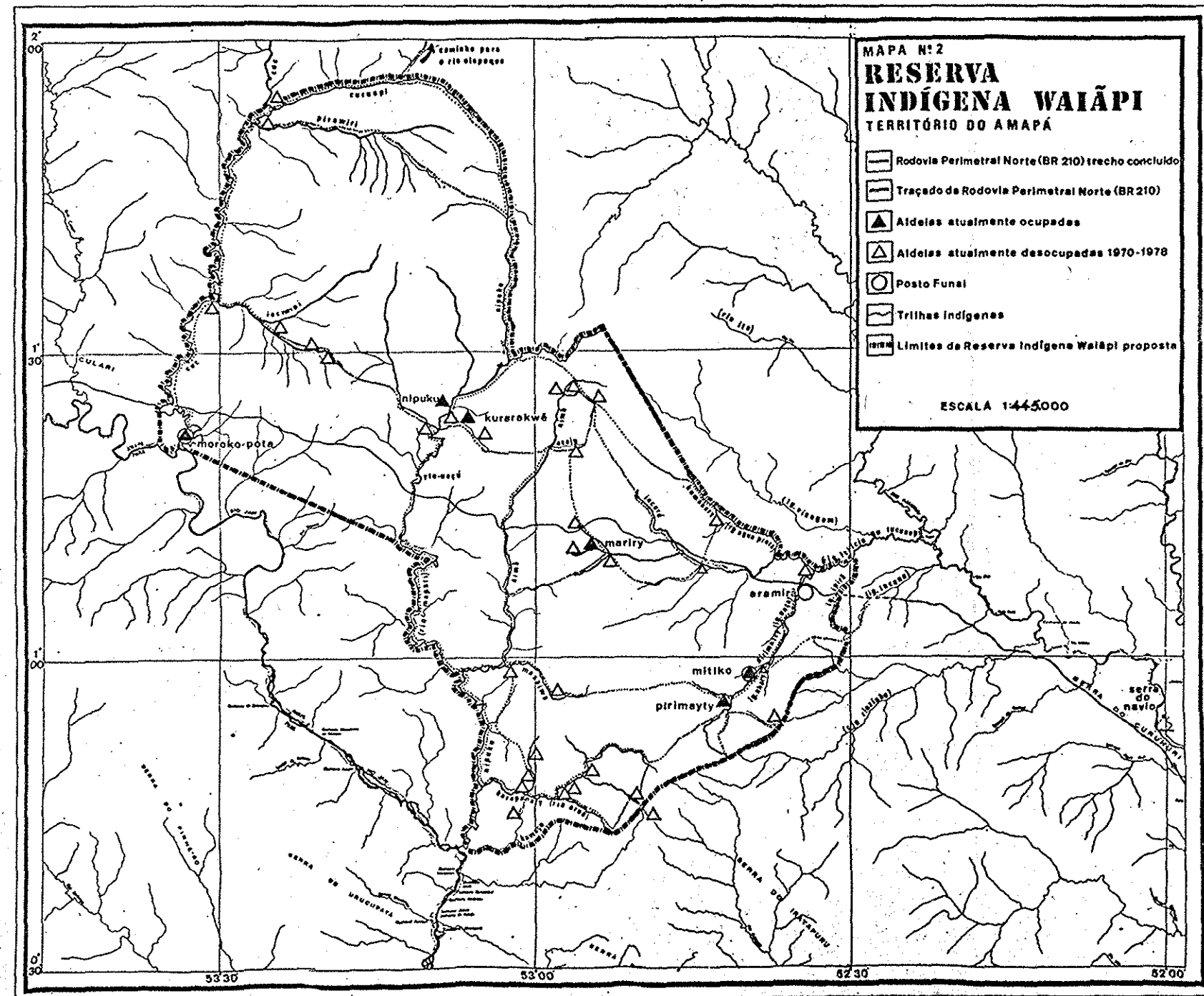
Os jamamadi encontram-se no rio Purus, município de Lábrea, no Amazonas. A proposta atingiria 300 indivíduos, mas até agora os índios localizados somam 600 pessoas. Estes índios têm um contato com a sociedade branca relativamente recente, pois os primeiros informes sobre o grupo data da década de 30.

Embora em contato intermitente com a sociedade nacional, os jamamadi conservam o idioma original e grande parte de seus costumes, entre estes os rituais de iniciação. Os contatos com os brancos acontecem principalmente com os seringueiros e marreiros, provocando todas as consequências negativas tais como doenças e substituição. As doenças que já atingiram o grupo nestes 40 anos de contato foram principalmente malária, verminose, hepatite e sarampo. Segundo os missionários, «todas estas doenças decorrem da invasão dos brancos».

De acordo com as informações do padre Egidio Schwade, que encaminhou a proposta enviada pela Prelazia de Lábrea, não há nenhum apoio da Funai na região e os índios vêm sofrendo frequentes invasões de território. A única presença de apoio deve-se à própria Prelazia de Lábrea que desde o início do contato entre índios e brancos vem mantendo contatos periódicos e permanente assistência sanitária, curativa e preventiva».

A ausência da Funai tem permitido também a utilização da mão-de-obra indígena na extração da borracha, sorva, caça de peles e coleta de castanha. Com isso, os índios «tornaram-se totalmente dependentes dos supostos patrões, necessitando sempre de remédios e roupas e muitas vezes entregando a terra, que é alvo de invasões».

Padre Egidio explicou que devido à falta de assistência, a criação da reserva é mais do que urgente. Segundo ele, a proposta deveria ser atendida ainda este ano, evitando-se mais invasões.



Os índios waiãpi foram expulsos de suas terras, no Amapá, pelos garimpeiros.